



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA EM SEUS ESPAÇOS FORMATIVOS E DE NARRATIVAS: A PIPA E SEUS SABERES CHEIOS DE SABORES

Leandro Gouveia Almeida  
Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo compreender alguns traços da cultura lúdica dentro da educação física escolar no Colégio Universitário Geraldo Reis - COLUNI – UFF, com base na atividade/oficina realizada com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. O referencial teórico metodológico se fundamenta na Socioantropologia do cotidiano de Michel Maffesoli e o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. Os resultados apontaram para revelações de ‘proxemia’ e socialização, se constituindo a partir do estar junto, onde relacionados aos jogos e brincadeiras assumiram um sentido lúdico dentro de um espaço de evasão da vida real, permitindo uma interação maior entre alunos e professores e constituindo também um diálogo com mais sentido e significado aos diversos saberes do conhecimento.

*PALAVRAS-CHAVE: Saberes; Lúdico; Corpo.*

### INTRODUÇÃO: A PIPA E SEUS SABERES CHEIOS DE SABORES

“A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino” (Morin, 2004: p.).

O pensamento moriniano, não só neste estudo, mas como fonte de inspiração para meu trabalho docente, foi o fio condutor para que eu pudesse pensar em realizar uma atividade diferente como parte das aulas de educação física dos alunos do 9º ano do COLUNI. Queria envolvê-los em saberes mais complexos, ou seja, que pudesse levá-los a tecer ‘saberes com sabor’. Foi assim que surgiu a oficina de pipa, aqui intitulada “*A pipa e seus saberes cheios de sabores*”.

A oficina da pipa teve como objetivo compreender o sentido formativo de atividades que ultrapassam as modalidades desportivas tradicionais (futsal, voleibol, handebol e basquetebol). Atividades aqui chamadas de jogos e brincadeiras que estão para além das



‘quatro linhas’<sup>1</sup> e que se caracterizam como/por oficinas, com a intenção de promover o diálogo entre algumas áreas do conhecimento, na busca de uma formação integral do estudante e seu bem-estar. Busquei um movimento integrador da Educação Física escolar que possibilitou o afeto, o prazer e ampliou as questões voltadas para religar os vários saberes ‘instituídos’ no currículo escolar da educação básica (‘reforma de ensino’, no sentido morriniano como lemos na epígrafe). Por meio de uma proposta diferenciada (ou uma ‘reforma do pensamento’), pretendia ampliar as atividades pedagógicas da educação física escolar no COLUNI.

Nesse processo em que teoria e método se retroalimentam é possível desfiar os fios que sustentam a análise dos dados da pesquisa. Para tal, utilizo um conjunto de heurísticas que têm por finalidade fazer emergir imagens simbólicas que representam as ideias-força (Araújo, 2004) dos sentidos e significados atribuídos pelos discentes que participaram da atividade/oficina nas aulas de Educação Física.

O primeiro passo foi apresentar e dialogar a respeito da proposta da oficina com o corpo docente de todo o colégio e, mais especificamente, com o grupo de professores que ministrava disciplinas na determinada turma que serviu de ponte para essa pesquisa. O diálogo se constituiu a partir da vontade de entrelaçar as diversas áreas do conhecimento, de maneira que contemplasse um conteúdo comum. O interesse era estabelecer a relação teoria, prática, teoria, ou seja, criar a recursividade entre ambas.

## PLANEJANDO COM OS ALUNOS

Numa manhã de 2013 pedi que todos os vinte e nove alunos se encaminhassem para a Sala de leitura. O pedido foi feito para que pudéssemos aproveitar o espaço e a formação das cadeiras em círculo, crendo que com isso houvesse um desenvolvimento melhor da proposta. Os alunos se mostravam com muitas dúvidas e ansiosos em relação ao que estava por vir. “Professor! Vamos descer? Por que estamos aqui? O que vai ser hoje?”

Com o meu pedido de calma, todos se sentaram e esperaram. Logo pedi para que os alunos formassem trios e se aproximassem uns dos outros. Desta forma, conseguimos montar nove trios e uma dupla. Em seguida, um papel em branco foi entregue para cada grupo, isto porque a cada etapa do processo da pesquisa toda produção seria anexada por aluno e grupo.

---

<sup>1</sup> Termo imagético das quatro linhas que demarcam a quadra poliesportiva.



Como seria um procedimento de pesquisa relativamente longo, cada aluno formaria uma espécie de caderno de campo com as folhas em branco que foram distribuídas a cada etapa da pesquisa.

Os alunos começaram um vasto diálogo entre si e sempre instigado por mim, logo os discentes começaram a se dar conta da gama de assuntos que poderiam ser tratados em torno de um único tema e, conseqüentemente, envolvendo várias disciplinas. As ideias foram inúmeras, perpassando o campo da Educação Física, da Arte, da Física, da Geografia, da Química, da História, da Matemática, chegando a se cogitar uma palestra com integrantes do Corpo de Bombeiros para esclarecimentos sobre os riscos e prevenções que rodeiam o uso do cerol<sup>2</sup> na linha. Desta forma, percebemos que os desdobramentos da atividade foram além até dos ‘muros’ da escola.

Antes de terminar a aula ficou estabelecido que na semana seguinte faríamos uma visita ao laboratório de informática, cujo objetivo era buscar mais subsídios para as questões de cada grupo.

## PESQUISANDO E REFORMANDO O PENSAMENTO

Nesta etapa da pesquisa percebi um empenho muito grande, isso porque os professores de algumas disciplinas começavam a conversar de maneira informal na sala dos professores a respeito das indagações que estavam sendo feitas ao longo da semana. Os alunos estavam sedentos por informações para realizarem a oficina de pipas. Recorriam aos professores, aos familiares e também à internet para compreenderem saberes que atravessam os atos de preparar e soltar a pipa, como lemos a seguir.

Valendo-me de uma perspectiva de aprendizagem participativa, colaborativa, a atividade foi acontecendo alcançando não só os objetivos traçados, mas abrindo inúmeras outras possibilidades que contribuem para uma formação integral dos discentes. Destaco que como quarta etapa da pesquisa ficou combinada uma espécie de aula em conjunto, ou seja, cada grupo apresentaria de modo mais criativo e ilustrativo possível para toda turma as respostas encontradas nesse período de cinco semanas.

## AOS VENTOS DO CONHECIMENTO

---

<sup>2</sup> Mistura manipulada com vidro moído e cola e utilizada na linha com a intenção de potencializar o rompimento da linha de outras pipas.



Nesta etapa voltamos à Sala de Leitura. A programação foi pensada objetivando a socialização dos saberes adquiridos durante a pesquisa por cada aluno e grupo.

Não era suficiente cada estudante saber responder sua própria questão determinada anteriormente, era preciso que trocassem informações uns com os outros sobre as descobertas feitas. Cada grupo fez uma apresentação verbal e ilustrativa, com isso criamos a possibilidade de um grupo intervir nas questões do outro, abrindo portas para debates e explicações, ricas em reflexões e até mesmo em expressões e lembranças da infância. Os relatos começaram, e logo o aluno Cesar, com o olhar distante, rememorava seu passado: "isso me fez lembrar a minha infância. Os tempos que vivia pra lá e pra cá soltando pipa. Lembro da minha família, dos meus irmãos e primos. Era muito bom". Naquele momento o passado veio à tona. Sabendo da história de vida do menino, criado pelo pai, que é separado da mãe e que moram em cidades diferentes. Percebi que parecia lembrar com saudades de uma união rompida. Autores que trabalham na linha da escrita de si, narrativas e temas semelhantes, como Nóvoa (1995). Nessa experiência com os alunos, as histórias vividas e narradas ampliaram o significado da atividade proposta. Como se mergulhassem em busca de uma compreensão melhor da vida, aumentando a possibilidade de reflexão e autoconhecimento.

No caso de Cintia, foi diferente. A aluna relembrou dos dias de domingo, logo um espanto da turma: "domingo? Por quê?". E ela sem pestanejar respondeu: "Gente! Aos domingos era o dia que eu tinha só para brincar, era incrível, ficava o dia inteiro na rua, só chegava em casa à noite, e toda suja".

É importante ressaltar que os símbolos são polivalentes, há uma flutuação de sentido que permite ao símbolo ora ter um ou outro significado, todo pensamento simbólico, antes de qualquer coisa, é uma tomada de consciência dos símbolos (naturais e culturais), logo, "os símbolos não podem ser julgados por sua forma, mas por sua força" (Nhary, 2011: 12). O símbolo é apreendido pela convergência entre as imagens do objeto e os sentidos a que ele remete. A expressão alemã *sinn bild*, na sua composição etimológica, *sinn* (sentido) e *bild* (forma), apontam que o símbolo possui mais que um sentido artificialmente dado e detém um essencial e espontâneo poder de repercussão. É o que reúne o conteúdo manifesto do pensamento ao seu sentido latente, daí assumir múltiplos sentidos. Sendo assim, o simbolismo da corrente, ganha aqui, o sentido de religação de saberes.



Ao recorrer aos professores, ficou claro para os alunos e para os docentes que se envolveram com a atividade, que a religação de saberes era um elo importante para a realização da oficina.

Para Nicole, a realização do projeto “*A Pipa e seus saberes cheios de sabores*” começava a fazer sentido, principalmente quando ela firmou o seguinte: “Professor! É muito melhor aprender assim. Agora eu entendo para que usar as coisas”. Novamente recorro ao paradigma da complexidade para clarificar a teoria através da prática,

Mais um momento importante da pesquisa foi quando a professora de Física (Fig. 3) me abordou, dizendo: “Professor, estou pensando em colocar uma questão em uma avaliação que farei com o 9º ano diretamente ligada ao conteúdo que você está trabalhando. Creio que assim vamos conseguir unir, teoria/prática/teoria”. Neste sentido Morin caminha para a perspectiva da ‘re-paradigmatização’, que parte de uma razão fechada indo ao encontro de uma razão complexa (aberta). Por isso, verifica-se a complexidade (o pensamento complexo), se articulando, observa-se também a identidade, a diferença, enquanto o pensamento simplificador acaba por mutilar e separar esses aspectos. Para tanto, “transmuta-se de um corpo de ideias inscrito na “ordem” do rendimento e da eficácia para um corpo de ideias assentado na abertura, na perspectiva da complexidade. Neste sentido, caracteriza-se por uma mudança pragmática do paradigma da simplificação ao paradigma da complexidade” (Chaves, 2000: 119).

Reconhecer o sentido do que se ‘ensina’ e do que se ‘aprende’ na escola favorece a construção de uma teia de saberes que efetivamente se leva para a vida toda. Essa é uma corrente fundamental de uma proposta que se pensa a relação ensino-aprendizagem pela via da construção de um conhecimento vivo – muito mais tecido. Tudo isso ficou bem claro quanto a participação dos discentes e docentes na atividade da pipa. Portanto, temos a corrente “não mais como uma corrente pesada e imposta do exterior, mas numa forma de adesão espontânea” (Chevalier & Gherrbrant, 2005: 293).

Portanto temos uma linha fazendo a interligação entre duas alunas, assim temos a linha em conformidade com a corda, que “está ligada, de maneira geral, ao simbolismo da ascensão, como a árvore, e a escada de mão, o fio de teia de aranha. A corda representa o meio, bem como o desejo de subir. Atada em nós, simboliza qualquer espécie de vínculo e



possui virtudes secretas ou mágicas” (Idem: 285). Temos então nas linhas da pipa que aparecem não só nas fotos, mas também nos desenhos dos alunos apresentados ao lado do texto, a representação simbólica, pela corda, do desejo de ascender a novos saberes, novos sabores e novas experiências através do ato de preparar e soltar pipa.

A aula encerrou com muita alegria e reflexão diante dos apontamentos feitos por todos. Ficou combinado que na aula seguinte passaríamos à construção das pipas. Todos pareciam bem entusiasmados com a nova etapa, afinal seria a hora de pôr em prática o que se aprendeu teoricamente.

## MÃOS A OBRA

Para a construção da pipa, voltamos à Sala de leitura, isto, porque a sala é capaz de propiciar subsídios para a manipulação de materiais<sup>3</sup> necessários na oficina referida.

Apresentei várias etapas de formatação das pipas. A primeira parte foi a das varetas soltas, posteriormente, demonstrei a vareta amarrada com a linha específica, depois, a pipa encapada com o papel, em seguida passei à rabiola<sup>4</sup> e, por fim, o cabresto<sup>5</sup>. (Fig 5)

Depois da explanação, o material foi entregue aos alunos. Nesse momento uma espécie de euforia e bagunça ao mesmo tempo tomou conta da sala, porém, logo se acalmaram e começaram a colocar a mão na ‘massa’. O interessante da parte prática da oficina foi a participação dos alunos, todos os presentes estavam empenhados no desafio de realizar a construção da pipa. No início, houve muita dificuldade e conflito, que eram previstos, claro, tendo em vista o grau de dificuldade de tal tarefa, ainda mais porque a maioria dos discentes nunca havia feito uma pipa. Porém, a turma persistiu, e através da comunicação, da coletividade, da solidariedade, da ajuda, da escuta e da sensibilidade a turma foi passo a passo vencendo a tarefa formulada com eles.

O desejo, o entusiasmo e o envolvimento com a atividade suplantavam até mesmo as necessidades físicas de fome, de sede e a vontade descer para o recreio, isto, porque quando chegou a hora do intervalo pouquíssimos alunos desceram para o pátio e, os que foram, voltaram rapidamente. O tempo parecia ‘voar’ como a pipa. Normalmente a aula acaba às

<sup>3</sup> Os materiais são: vareta, papel fino, cola, linha, tesoura, canetinha, purpurina, etc.

<sup>4</sup> Trata-se de uma linha com várias fitas, que é amarrada na vareta final da pipa, com o objetivo de não deixar a pipa rodopiar no ar de forma involuntária.

<sup>5</sup> Nome dado a junção de duas, três ou mais linhas nas três varetas da pipa, que tem como objetivo fazer a ligação da pipa com a linha que será utilizada para colocá-la no ar.



11h, porém, temendo uma parada no processo de construção, os alunos intervieram com um pedido do tempo seguinte, isto para que a oficina pudesse dar continuidade, Sensível e entendendo que aquela atividade não era exclusivamente de Educação Física, o professor de Matemática cedeu seu tempo de aula e com isso os alunos continuaram a produzir.

Mas nem tudo são ‘flores’. Durante a oficina os conflitos estiveram presentes, muitas vezes pequenas discussões aconteciam, ora por conta de material (tesoura, cola, papel), ora por conta de opiniões divergentes na formatação da pipa. A desordem, nesse caso, estava instalada temporariamente servindo de mola propulsora para, em instantes, haver um salto para a ordem. Foi por meio desse movimento cíclico, num vai-vem, que os saberes transbordaram entre os estudantes do COLUNI e, como vertentes, seguiam de forma a valorizar o sentido da coletividade, da construção de conhecimento, do respeito, da escuta sensível.

Em certa altura as pipas começavam a tomar forma (não no sentido de molde, fôrma), e sim de maneira vasta e aberta, rica e plural. Algumas pipas se mostravam bem adiantadas, com símbolos, escritas, listras, nomes, brilhos, como mostram as fotos. A pipa da aluna Cíntia, por exemplo, foi feita por ela com alguns símbolos da paz (fig. 7), apresentados assim: “Professor! Olha o meu desenho, representa a paz!”. Muitas pipas estavam ornamentadas, algumas com notas musicais, outras com o nome da filha<sup>6</sup>, a purpurina também fazia parte das representações. Será que esses símbolos, como imagens simbólicas, podem dizer algo sobre o sentimento dos alunos? E o que seria? Por quê? Eles podem servir de pistas para outras reflexões que não cabem aqui serem exploradas, mas que instigam o pensamento reflexivo do professor/pesquisador.

Em alguns momentos de diálogo com os alunos, pude ouvir algumas falas que chamaram a atenção. “É a primeira vez que faço uma pipa. Fazer a armação é difícil, escolher o desenho também é difícil, ainda bem que o grupo se ajudou e estava unido” – disse Nicolle.

Ao final da aula, foram feitas cerca de quinze pipas, estavam ‘prontas’ para a etapa seguinte, faltando confeccionar somente as ‘rabiolas’ e os ‘cabrestos’.

## O CORPO E A PIPA

---

<sup>6</sup> Uma menina da turma está grávida e com oito meses de gestação.



A etapa mais esperada chegou. Era o dia de colocar a pipa para subir. Primeiramente, em sala de aula, conversamos um pouco, era preciso fazer dois ajustes: a construção da rabiola e a construção do cabresto. Outro ponto salientado foi a respeito das precauções com as linhas nos diversos aspectos (antenas, fios etc). Enquanto uns acabavam os retoques finais, outros mais adiantados começavam a esboçar o levantamento das pipas. A primeira percepção de Thiago Godoy foi em relação ao vento: “professor, aqui em baixo tem ‘vácuo’. Para a pipa pegar força a gente tem que conseguir ‘dar’ mais linha e passar desse ‘vácuo’ ”. Quis saber mais sobre o assunto e indaguei: “vácuo? Thiago! Me explica isso melhor”. E Thiago, em meio as suas ‘braçadas’<sup>7</sup>, movimentos, linha e pipa respondeu o seguinte: “é professor, quando a gente solta pipa aqui mais perto do chão e principalmente se estiver entre construções tipo, prédios, casas e escolas parece faltar vento e ainda tem uma espécie de ‘rodamoinho’”. E a conversa continuou: “‘rodamoinhos’ Thiago, que interessante, você também sabe o que é ‘rodamoinho’?”. Com a pipa já bem alta, respondeu: “bom, eu ainda não sei explicar de forma científica, mas sei que é igual quando agente coloca uma folha de árvore no chão e ela começa a girar sozinha com muita velocidade. Para mim isso é o ‘rodamoinho’”

Várias observações foram feitas, os alunos começaram a falar sobre a direção e força/intensidade do vento, fizeram comparações em relação à massa da pipa, visto que perceberam algumas mais pesadas que outras, também comentaram sobre a trajetória das linhas, dizendo que umas estavam mais esticadas que outras, descreveram também as direções do vento e enalteciram suas ‘obras’ no ar. A coletividade apareceu mais uma vez na oficina de forma significativa, isto se evidenciou porque na tentativa de fazer a pipa subir, não faziam ou tentavam sozinhos, uns ajudavam ao outros - ou levando a pipa para o outro puxar, ou dando mais alguns ajustes, ou desmontando linha e/ou rabiolas, ou seja, estavam próximos, unidos, respeitando o colega, (re)descobrimos conhecimentos.

Percebe-se que o espaço físico da realização das atividades envolveu um grupo unido, abraçado, o que simbolicamente se liga à imagem e especialmente ao sentido da corrente, ou seja, o elo, a união entre a razão e emoção (alma), enfim, a corrente como símbolo dos elos da comunicação. Em um desenho realizado depois da oficina, a cor amarela delimita o espaço, reforça os vértices, mas os braços e pernas dos bonecos se integram ao espaço, formando um todo em que alunos e aulas se unificam, o que remete a ideia de ligação, de aliança. É um

---

<sup>7</sup> Movimento dado aos gestos executado na hora de empinar a pipa.



espaço vivo, representado pelo simbolismo da corrente que remete a ideia de união e companheirismo. Pela capacidade criadora investida ao ato de desenhar a criança afirma sua liberdade de expressão, desenvolve sua função simbólica.

Os movimentos das pipas pareciam um bailado livre de um pássaro e alinhados ao corpo em movimentos espontâneos se mostravam livres e ricos de significados. Portanto, temos na pipa, o pássaro, como representação dos movimentos soltos e sinuosos, no sentido de liberdade, se amalgamando com o simbolismo do pássaro – comunicação, relação terra e céu, liberdade, imaginação forte e poderosa.

Os movimentos do corpo com o corpo, do corpo com a pipa, os movimentos em junções e (re)ligações fluidas, podem nos levar a representações corporais dentro das características lúdicas e expressivas de enorme valor para a vida dos estudantes. Talvez tenha sido esta uma grande mensagem deixada pela oficina. A liberdade da pipa que, como o pássaro, depende de fatores que definem seu voo. O fio, ou corda (como imagem simbólica), que conduz a pipa liga corpo e liberdade, promove certa condução que não é limitadora, mas é parte do processo da experiência. Pipa e aluno imbricados, vivenciando a experiência de orientarem e serem orientados pela própria pipa; esta, por sua vez, ao sabor dos ventos. Uma correlação de forças que envolvem liberdade, ordem, criatividade, iniciativa, atenção, empenho, enfim, valores que se ligam à educação no sentido mais complexo, ou seja, que se encaminham para uma educação integral do discente.

Assim, com o ‘voar’ da hora era preciso parar, arriar as pipas e guardar todo o material, entretanto, não foi uma tarefa fácil, visto que o encantamento com o bailado de ver suas próprias construções sobrevoando seu ambiente escolar cotidiano, e sendo admirado por vários estudantes, se tornavam impasses que retardaram o término da atividade. Os pedidos eram: “professor, deixa soltar mais um pouquinho, por favor! Eu não estou com fome, não quero almoçar. Outro aluno disse: não sei quando vou poder fazer isso outra vez”.

Diante de todo processo descrito na realização da oficina de pipas percebemos ser possível a construção de conhecimentos (inter)ligados, onde o corpo inteiro participa, sem dicotomias. Dessa forma, é possível acreditar em uma Educação Física pautada nos princípios da epistemologia da complexidade orientada por Edgar Morin (2004).

Com efeito, o pensamento complexo não está se contrapondo ao pensamento simplificador, mas busca unir e integrá-lo. É (um estilo) uma forma de pensamento que consegue lidar com as incertezas e mesmo assim, estar organizado, tem a possibilidade de



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

unir e levar em consideração o contexto e o global. E ainda é capaz de reconhecer o singular, o individual e o concreto.

School and physical education in your formation and narrative space: the kite and her knowledge full of flavors

Abstract

This study aims to understand some aspects of the ludic culture that within the school physical education at the University College Geraldo Reis - COLUNI - UFF, based on the activity / workshop held with a group of 9th grade of elementary school. The theoretical framework is based on the Socio-anthropology of everyday life of Michel Maffesoli and the Paradigm of Edgar Morin Complexity. The results pointed to revelations of 'proxemics' and socialization, constituting from being together, where, related to sports and games, took a playful sense in a real-life evasion, leading to a greater interaction between students and teachers and also making a dialogue with more sense and meaning to the various types of knowledge.

*KEYWORDS: Knowledge; Playful; Body.*

La escuela y la educación física en su espacio de formación y narrativa:  
la cometa y su conocimiento lleno de sabores

Resumen

Este estudio tiene como objetivo comprender algunos aspectos de la cultura de juego dentro de la educación física escolar en el Colegio Universitario Geraldo Reis - COLUNI - UFF, basado en la actividad / taller realizado con un grupo de estudiantes del noveno grado de la escuela primaria. El marco teórico está basado en el socio-anthropología de la vida cotidiana de Michel Maffesoli y el Paradigma de la Complejidad de Edgar Morin. Los resultados apuntaron revelaciones de 'proxémica y de socialización, hechos a partir de la situación de estar juntos, en el que, en relación con los deportes y juegos, tomó un sentido lúdico en un espacio de evasión de la vida real, permitiendo una mayor interacción entre los estudiantes y profesores, generando también un diálogo con más sentido y significado a las distintas formas de conocimiento.

*PALABRAS CLAVES: Conocimiento; Juguetón; Cuerpo.*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, A. F. *Educação e Imaginário*. Da criança mítica às imagens da infância. Maia: PUBLISMAI, 2004

\_\_\_\_\_. *Imaginário Educacional: figuras e formas*. Niterói: Intertexto, 2009.

Chaves, I. M. B. Pesquisa narrativa: uma forma de provocar imagens da vida de professores. In: Sanches Teixeira, M. C. & Porto, M. R. (org.). *Imagens da cultura: um outro olhar*. São Paulo: Plêiade, 1999.

\_\_\_\_\_. Paradigma e complexidade: questões relevantes para a educação. In: Sanches Teixeira, M. C. & Porto, M. R. (org.). *Formação de professores: a busca da (re)encantamento pela escola*. Sobral: Edições UVA, 2000, p.109-127.

Furth, G.M. *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. Tradução de Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2004.

Morin, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. *Antropologia da liberdade. Ética e o Futuro da Cultura*. São Paulo: FAPESP e Edu, 1999.

\_\_\_\_\_. *Meus Demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Nhary, T. M. C. *O que está em jogo no jogo: cultura imagens e simbolismos na formação de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFF. Niterói: RJ, 2006

\_\_\_\_\_. *A cultura lúdica e o corpo imaginal*. Tese (Doutorado em Educação), UFF, Niterói: RJ, 2011.

Nóvoa, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

Postic, M. *O imaginário na relação pedagógica*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.